

PEDAGOGIA CRÍTICA E A RESISTÊNCIA AO NEOLIBERALISMO REGRESSIVO NO BRASIL E ARGENTINA: breves reflexões

*Critical pedagogy and resistance to regressive neoliberalism in brazil
and argentina: brief reflections*

Paulo Henrique Rodrigues¹
Joelma Pereira de Faria²
Cássio Silva Castanheira³

Resumo: Nosso trabalho fará uma reflexão sobre a pedagogia crítica como ferramenta de resistência dos educadores contra os ataques do neoliberalismo regressivo tanto no Brasil como na Argentina. Nossas reflexões foram provocadas pelos encontros propiciados pela disciplina Tópicos Avançados em Educação, Conhecimento e Sociedade na América Latina, ofertada no âmbito do Programa de Pós-graduação Educação Conhecimento e Sociedade (PPGEduCS), da Universidade do Vale do Sapucaí e pela experiência como educadores da rede pública estadual de Minas Gerais. Buscaremos refletir, à luz dos conceitos e valores da pedagogia crítica, o papel dos educadores latinos americanos na resistência contra os retrocessos provocados nas políticas públicas em educação pela reação neoliberal e de ultra direita

¹ Licenciado em História pela UFMG, mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública pela UFJF, doutorando pela Univás, Professor de História da rede estadual de Minas Gerais. paulo.rodrigues@educacao.mg.gov.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6423707970777756>

² Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, atualmente é Pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa da Univás, coordenadora e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade (PPGEduCS) e docente da graduação da Univás. <http://lattes.cnpq.br/0888308436324067>

³ Licenciado em Estudos Sociais pelo Instituto Newton Paiva e História pelo Instituto Três Corações, mestre em Educação e Sociedade pela UNIPAC, doutor em Ciências da Linguagem pela UNIVAS. Professor de História da rede estadual de Minas Gerais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4711944705201607>

na América Latina, especialmente no Brasil e Argentina. Para tal, por meio de revisão bibliográfica, faremos uma retomada sobre as proposições da pedagogia crítica, seus pressupostos pedagógicos e emancipatórios em contraposição às políticas educacionais (ou a ausência dessas) dos setores de ultra direita no Brasil e Argentina. Para realizar nosso objetivo, além da revisão bibliográfica, buscaremos fazer um breve panorama dos desafios colocados à educação pública pelas propostas trazidas no seio da onda conservadora que assola corações e mentes na América Latina utilizando, como fio condutor, algumas notícias sobre o contexto educacional marcado pela ascensão de políticas neoliberais.

Palavras-chave: Políticas públicas em educação; neoliberalismo; pedagogia crítica.

Abstract: Our work will reflect on critical pedagogy as a tool of resistance of educators against the attacks of regressive neoliberalism both in Brazil and in Argentina. Our reflections were provoked by the meetings provided by the discipline Advanced Topics in Education, Knowledge and Society in Latin America, offered within the scope of the Graduate Program Education Knowledge and Society (PPGEduCS), of the University of Vale do Sapucaí and by the experience as educators in the state public network of Minas Gerais. We will seek to reflect, in the light of the concepts and values of critical pedagogy, the role of Latin American educators in the resistance against the setbacks caused in public policies in education by the neoliberal and ultra-right reaction in Latin America, especially in Brazil and Argentina. To this end, through a bibliographic review, we will resume the propositions of critical pedagogy, its pedagogical and emancipatory assumptions in opposition to the educational policies (or the absence of these) of the ultra-right sectors in Brazil and Argentina. To achieve our objective, in addition to the bibliographic review, we will seek to

make a brief overview of the challenges posed to public education by the proposals brought within the conservative wave that devastates hearts and minds in Latin America, using, as a common thread, some news about the educational context marked by the rise of neoliberal policies.

Keywords: Public policies in education; neoliberalismo; critical pedagogy.

INTRODUÇÃO

Tendo Paulo Freire como grande referência, a Pedagogia Crítica consolidou-se como uma concepção de educação com forte vinculação política e uma visão emancipatória e libertadora da educação e do ser humano. Segundo Freire (2018):

Na verdade, porém, não é a conscientização que pode levar o povo a “fanatismos destrutivos”. Pelo contrário, a conscientização, que lhe possibilita inserir-se no processo histórico, como sujeito, evita os fanatismos e o inscreve busca de sua afirmação. (Freire, 2018, p. 32)

Essa perspectiva pedagógica vê os educadores e os estudantes como sujeitos, portadores de conhecimentos e atores capazes de transformação da realidade por meio da ação e reflexão (*práxis*). No mesmo diapasão, Giroux (1997) afirma que:

O clima político e ideológico não parece favorável para os professores no momento. Entretanto, ele de fato lhes oferece o desafio de unirem-se ao debate público com seus críticos, bem como a oportunidade de se engajarem em uma autocrítica muito necessária em relação à natureza e finalidade da preparação dos professores, dos programas de treinamento no trabalho e das formas dominantes da escolarização. De forma semelhante, o debate oferece aos professores a oportunidade de se organizarem coletivamente para melhorar as condições em que trabalham, e demonstrar ao público o papel fundamental que eles devem desempenhar em qualquer tentativa de reformas as escolas públicas. (Giroux, 1997, p. 157)

É de se lamentar que 31 anos passados dessa afirmação, o clima político e ideológico continua não sendo favorável aos professores, os desafios colocados para os educadores continuam imensos e as reformas que se implantam vão na contramão da valorização da profissão docente e da construção de uma educação pública de qualidade e emancipatória.

Devemos destacar também que os autores alinhados a essa corrente de pensamento têm uma preocupação com a gestão democrática da educação, conforme Lima (2009):

A obra de Paulo Freire contém, no seu conjunto (e, pode-se afirmar, desde os seus primeiros trabalhos), suficientes e expressivas considerações por forma a permitir identificar e caracterizar elementos estruturantes, de carácter organizacional e administrativo, das suas concepções e propostas político-pedagógicas. (Lima, 2009, p. 27)

Na mesma direção, Lima (2009) nos alerta que a pedagogia crítica, ainda segundo o pensamento de Paulo Freire, defende que:

Toda acção política pedagógica pressupõe suporte organizativo e, por sua vez, acção administrativa, tal como, por seu turno, não pode deixar de conceber a acção administrativa como acção política; política e administração são inseparáveis, ao passo que a organização (como unidade social-formal e como acção de organizar), não podendo ser neutra (tal como a educação), jamais poderá ser entendida como meramente instrumental. (Lima, 2009, p. 28)

Assim, de forma muito breve, percebemos a concepção humana, de sujeito histórico, a perspectiva pedagógica e a concepção de organização da ação educativa orientada por uma visão crítica. Em consonância, ampliando para o campo da construção do conhecimento, Palumbo (2020) nos indica três pontos que caracterizam as várias epistemologias e metodologias influenciadas pelo pensamento crítico:

a) o esquema sujeito-sujeito diante de uma ciência construída sobre a relação sujeito-objeto; b) a ligação entre o conhecimento científico e o conhecimento popular em oposição a uma ciência baseada na hierarquia e universalidade do primeiro; c) o compromisso da ciência com a política em oposição à ciência desinteressada. (Palumbo, 2020, p. 2 – tradução dos autores)

Essas perspectivas epistemológicas e metodológicas influenciam, como ressalta a autora, não só a pedagogia crítica, mas as ciências sociais latino-americanas, influenciadas ainda por Frantz Fanon e Orlando Fals Borda. Novamente, Freire (2018) nos recorda que:

Subjetividade e objetividade, desta forma, se encontram naquela unidade dialética de que resulta um conhecer solidário com o atuar e este com aquele. É exatamente esta unidade dialética que gera um atuar e um pensar certos na e sobre a realidade para transformá-la. (Freire, 2018, p. 35)

Portanto, percebemos uma coerência entre a concepção epistemológica e a concepção de sujeito e educação que informa a pedagogia crítica. Devemos ressaltar que tal concepção de pensamento social e pedagógico defende a educação como direito fundamental e condição necessária à condição cidadã da população, pois direitos, cidadania e democracia são esferas inseparáveis, conforme defende Marilena Chauí:

Da mesma forma, as ideias de igualdade e liberdade como direitos civis dos cidadãos vão muito além de sua regulamentação jurídica formal. Significam que os cidadãos são sujeitos de direitos e que, onde tais direitos não existam nem estejam garantidos, tem-se o direito de lutar por eles e exigí-los. **É esse o cerne da democracia: a criação de direitos. E por isso mesmo, como criação de direitos, está necessariamente aberta aos conflitos e às disputas.** (Chauí, 2018, p. 414 – grifos nossos)

O presente artigo pretende desenvolver, à luz desses pressupostos teóricos, um breve panorama da atual conjuntura educacional no Brasil

e Argentina influenciada pelo que Haddad, no prólogo do livro “Educação contra a Barbárie” chamou de neoliberalismo regressivo e o papel de resistência dos educadores contra as ameaças trazidas à educação emancipatória proposta por Freire e pela pedagogia crítica.

1. METODOLOGIA

Como dito anteriormente, provocados pelas reflexões trazidas no âmbito da Disciplina Tópicos Avançados em Educação, Conhecimento e Sociedade na América Latina, no âmbito do Programa de Pós-graduação da Univás, especialmente pela aula desenvolvida pela Professora María Mercedes Palumbo, nos propomos a refletir sobre as tensões entre uma concepção educacional informada pela pedagogia crítica e as concepções trazidas pelo pensamento neoliberal ultraconservador ou regressivo que ganha espaços e governos na América Latina.

Para desenvolvermos nossas reflexões faremos um estudo bibliográfico em torno de autores que propõe a construção de políticas públicas educacionais à luz da pedagogia crítica. Em contraposição, levantaremos, por meio de fragmentos e títulos de matérias jornalísticas, no Brasil e na Argentina, os pressupostos e propostas trazidas pelos movimentos neoliberais ultraconservadores. Portanto, se trata de um trabalho baseado no levantamento bibliográfico, complementado por um brevíssimo estudo de campo em busca de matérias jornalísticas e outras fontes que ilustrem as tentativas de avanço das visões retrógradas no campo educacional tanto no Brasil de Bolsonaro e governadores alinhados ao neoliberalismo regressivo e de Milei em seu atual governo na Argentina.

2. OS DESAFIOS COLOCADOS AOS EDUCADORES PELO ASCENSO DO NEOLIBERALISMO REGRESSIVO

Desde fins dos anos 80 do século passado, cresce em termos ideológicos, como pressupostos econômicos e de organização da sociedade, a corrente de pensamento neoliberal. Fundada no início do século XX, tal corrente de pensamento ganha destaque a partir da crise econômica dos anos 70, que coloca fim ao período de desenvolvimento que caracterizou o pós-guerra. Implementado, primeiramente, no Chile ditatorial de Pinochet, o receituário liberal toma dimensões mundiais a partir dos governos de Thatcher e Reagan, no Reino Unido e nos EUA, respectivamente. Nesse contexto, se dá a queda do Muro de Berlim (1989) e a derrocada da URSS (1991), colocando fim ao período da Guerra Fria e anunciando uma suposta hegemonia do pensamento (neo)liberal (SINGER, 2021).

Na década de 90 do século passado, essas ideias neoliberais influenciam a agenda política no Brasil e na Argentina, prescrevendo a redução de gastos públicos, a busca por eficiência, a redução do papel do Estado, privatização de setores da economia e dos serviços públicos. No entanto, tal receituário, tanto no Brasil quanto na Argentina rivalizam com importantes movimentos sociais, intelectuais e acadêmicos que resistem a seus pressupostos, defendendo, no campo educacional, a bandeira de uma educação pública, democrática e de qualidade para todos. Importante notar que tais princípios se encontram, no Brasil, consignados em importantes textos legais (LDB e Constituição Federal) a partir da mobilização e da participação da sociedade no contexto da redemocratização. Por fim, devemos assinalar que tanto no Brasil quanto na Argentina, importantes forças

políticas de centro-esquerda (petismo e peronismo, respectivamente) buscaram caminhos outros para a economia e as políticas públicas que não coadunavam integralmente ao receituário neoliberal. O neoliberalismo, como ressalta Marilena Chauí (2018) não é um pensamento que ressalta a democracia e a criação de direitos, contrariamente, segundo a autora:

É inegável, em toda parte, a fragilidade dos direitos políticos e sociais sob a ação do neoliberalismo e, portanto, do encolhimento do espaço público e alargamento do espaço privado ou do mercado, sob a forma da privatização e da chamada “desregulação econômica”. (Chauí, 2018, p. 419)

A partir das primeiras décadas do presente século, o mundo passa a conviver com o fortalecimento da extrema direita. Essa corrente política ressurgiu em vários países e com vários formatos e discursos, porém com algumas coisas comuns – a xenofobia, o receituário neoliberal no campo da economia, a negação dos valores vindos do iluminismo e reforçados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, o negacionismo ambiental, entre outras posições. Esse fenômeno se mostra mundial com a presença de governos protofascistas na Hungria, com a vitória do Brexit na Inglaterra, com a vitória eleitoral de Donald Trump nos EUA, com a vitória eleitoral de Bolsonaro no Brasil e finalmente, com o recém eleito Milei na Argentina.

No Brasil, Fernando Haddad, no prólogo do livro “Educação contra a Barbárie” nos alerta que:

Eis que a eleição de Jair Bolsonaro recoloca com toda força o debate sobre educação na ordem do dia, mas de pernas para o ar. A laicidade da escola pública, o financiamento da educação, nosso patrono Paulo Freire, a figura da professora, o processo de socialização, a forma de incorporar tecnologias, a questão da diversidade, para ficar em alguns pontos, tudo é tomado por Bolsonaro pelo avesso do que é recomendado pela melhor referência teórica e empírica. (Cássio, 2019, p. 11)

Pelo menos desde 2013, no Brasil, surgiram movimentos e propostas que buscavam questionar os pressupostos legais e normativos que orientam a educação no Brasil, defendendo propostas que contrariam a liberdade de cátedra, que questionam o papel dos professores como agentes fundamentais na formação da juventude, tais movimentos e propostas ganharam força com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, conforme o diagnóstico de Haddad (2019):

Escola sem Partido, militarização, imposição de métodos, revisionismo histórico, corte de verbas, negação da diversidade, tudo parece caminhar na contramão do que sucessivos governos pretenderam construir, obtendo mais ou menos êxito. Não se trata de uma agenda neoliberal contra “uma visão de esquerda”, mas de uma agenda pré-moderna contra o próprio Iluminismo. (Cássio, 2019, p. 11)

Apesar da derrota eleitoral de 2022, esse neoliberalismo regressivo mantém força no debate político-educacional no Brasil, especialmente, em governos estaduais e municipais que sustentam uma pauta regressiva. Estado como o de São Paulo tem divulgado e incentivado políticas públicas que apontam para a “plataformização” da educação, além do incremento de escolas cívico-militares dentro das redes estaduais.

Outro sintoma dessa permanência foi a escolha do Deputado Federal por Minas Gerais, Nikolas Ferreira, como presidente da Comissão de Educação da Câmara dos Deputados. Notório por suas posturas conservadoras, Nikolas é um dos próceres no combate da suposta “ideologia de gênero”, é um defensor da homeschooling, entre outras pautas semelhantes.

Porém, de forma mais disseminada, silenciosa e disruptiva tem sido a precarização constante da profissão docente no Brasil. Além dos ataques diretos sobre a figura dos professores, vistos por muitos como

“doutrinadores” das crianças e adolescentes, temos presenciado a precarização da formação inicial dos docentes, os quais, em sua maioria, obtém sua primeira graduação pelo formato totalmente a distância.

Segundo o site de notícias G1, em matéria publicada em 27/05/2024 que noticiava a iniciativa do MEC em exigir a obrigatoriedade de 50% de carga horária presencial nos cursos de licenciatura, constatava que:

De 2002 a 2022, o índice de professores que se formaram em cursos de licenciatura à distância, em faculdades particulares, saltou de 28,2% para 60,2%. Mesmo com o avanço do EAD no país, o desempenho dos alunos na modalidade era inferior aos da modalidade presencial. Os dados são de um levantamento da Todos Pela Educação divulgado em outubro passado. (SANTOS, 2024, grifo dos autores)

Junto à precarização da formação inicial, se verifica um crescimento, nas redes públicas, municipais e estaduais de profissionais com vínculo precário. Segundo matéria publicada na Revista Piauí, em abril de 2024:

O que deveria ser exceção virou regra: 52% dos professores da rede estadual, onde está a maioria dos alunos de ensino médio no Brasil, trabalham com contrato temporário. (Piauí, 2024)

Temos, portanto, a “tempestade perfeita” sobre a profissão docente: formação aligeirada, profissionalização precária, esvaziamento do papel pedagógico por meio de plataformas e outras limitações à autonomia e à postura crítica dos docentes.

Na Argentina, no pleito de 2023, foi eleito o candidato Javier Milei, segundo o site de notícias Poder 360, em matéria que cobria as eleições, publicada em 01/10/2023, o programa para a educação de Javier Milei apontava que “uma de suas principais propostas para a

área da educação é um sistema de voucher para universidades.” (Paola, 2023). Segundo a mesma matéria, constava ainda do plano de governo do então candidato:

Como propõe a extinção do Ministério da Educação, o libertário diz que o orçamento da educação será entregue para pessoas físicas, com o intuito de aumentar a competitividade no mercado universitário. Outra proposta de Milei é reformar o sistema curricular de estudos com base nos profissionais que o país precisa, como engenheiros e cientistas da computação. (Paola, 2023)

Em 21/10/2024, o site de notícias “Outras Palavras” traz a seguinte manchete: “Argentina: a Universidade encara Milei.” Ainda segundo a matéria:

Mais de 30 instituições ocupadas, nos quatro cantos do país. Aulas públicas, assembleias, estudantes nas ruas. É por verbas e dignidade, mas também contra o ultraliberalismo... A Argentina assiste, desde o início do ano, a mobilizações nas universidades, contrárias à drástica redução do orçamento da educação imposta pelo governo de Javier Milei. (Piro e Yantorno, 2024)

O levantamento realizado acima não precisou de muita pesquisa. Pelo contrário, uma consulta simples no site de busca Google nos fornece essas informações de forma praticamente imediata. Não pretendemos com tais matérias aprofundar nas temáticas, apenas ilustrar a influência do chamado neoliberalismo regressivo nos sistemas educacionais no Brasil e na Argentina.

CONCLUSÃO

A História não é linear. Libertos de regimes ditatoriais, vários países da América Latina buscaram avançar na consolidação da democracia e na cidadania do seu povo, embalados pela mobilização dos movimentos da redemocratização e pelo sonho de uma liberdade

transformadora desejada desde os tempos da colonização. A educação, seus profissionais, a juventude, as universidades se colocavam como referências neste processo, estando os defensores de uma pedagogia crítica na vanguarda pela luta por uma educação emancipadora e por uma sociedade inclusiva e diversa.

No entanto, junto com a redemocratização vem a crise econômica característica do final do século XX, pressionando governos e agentes públicos a adotarem um receituário que mais uma vez adiava os sonhos da construção de verdadeiras democracias na América Latina. Em contrapartida, parte significativa da sociedade civil, de organizações sociais e partidos de esquerda e centro-esquerda continuavam na busca de caminhos alternativos que conciliassem democracia política, soberania nacional e inclusão social. Essa tensão, esse conflito entre neoliberalismo e propostas democratizantes marcaram os últimos trinta anos da maioria dos países latino americanos. Nos últimos anos, uma nova ameaça ronda os anseios libertários de nossos povos: uma ultra direita neoliberal em seus pressupostos econômicos e reacionária em seus pressupostos éticos, sociais e culturais. Para as escolas esse pensamento representa:

Intimidação, perseguições e censura ao professorado, anti-intelectualismo, revisionismo histórico, negacionismo científico, militarização, movimentos antiescola, moralismo, machismo, misoginia, transfobia, intolerância religiosa, racismo – violência como currículo e ódio como pedagogia. (Cássio, 2024, p. 18)

Compreender essa conjuntura e o papel que os educadores podem desempenhar em tal cenário é fundamental para manter acesa a chama da esperança.

Giroux, ao falar sobre os educadores, no final da década de 90, fazia o seguinte chamamento:

Ao mesmo tempo, eles (os professores) devem trabalhar para criar as condições que deem aos estudantes a oportunidade de tornarem-se cidadãos que tenham o conhecimento e coragem para lutar a fim de que o desespero não seja convincente e a esperança seja viável. (Giroux, 1997, p. 163)

Passados quase 30 anos desse alerta, Fernando Cássio faz novo chamado aos educadores:

A luta por escolas públicas democráticas, inclusivas, laicas e com liberdade de ensinar depende de nossa disposição para defender projetos educacionais radicalmente democráticos ante o que hoje, na educação brasileira, ganha evidentes contornos de barbárie. É preciso desbarbarizar a educação. (Cássio, 2019, p. 15)

Como vimos, muitos são os desafios. No Brasil educadores têm sua formação inicial aligeirada, seu vínculo profissional precarizado, sua prática esvaziada, sua autonomia questionada. Na Argentina, o discurso não é distinto e o ataque ao financiamento universitário é uma das facetas do programa do atual governo neoliberal. No entanto, é na perspectiva de manter a esperança e combater a barbárie que apresentamos o presente exercício de reflexão.

REFERÊNCIAS

CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie**. São Paulo: Boitempo, 2019. Disponível em: https://ler.amazon.com.br/?asin=B07RWM49HT&ref_=kwl_kr_iv_rec_3. Acesso em: 05 maio 2024.

CHAUÍ, Marilena. Democracia: criação de direitos. **Revista Síntese**, [s. l], v. 45, n. 43, p. 409-422, set./dez. 2018. Quadrimestral.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2018. 253 p.

GIROUX, Henry A. **Os Professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 241 p.

LIMA, Licínio C. **Organização Escolar e Democracia Radica**: Paulo Freire e a governação democrática da escola pública. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 116 p

Palumbo, M. M. y Vacca, L. C. (2020). Epistemologías y metodologías críticas en Ciencias Sociales: precisiones conceptuales en clave latinoamericana. *Revista Latinoamericana de Metodología de las Ciencias Sociales*, 10(2), e076.
<https://doi.org/10.24215/18537863e076>

PAOLA, Evelyn. **Leia as propostas dos presidentiáveis da Argentina para a Educação**. 2023. Poder 360. Disponível em:
<https://www.poder360.com.br/internacional/leia-as-propostas-para-a-educacao-dos-presidenciaveis-da-argentina/>. Acesso em: 29 out. 2024.

PIAUI. [S.L.]: Piauí, 05 abr. 2024. Semanal. Disponível em:
<https://piaui.folha.uol.com.br/mais-da-metade-dos-professores-da-rede-estadual-sao-temporarios/>. Acesso em: 29 out. 2024.

PIRO, Gabriel; YANTORNO, Juliana. **Argentina: a Universidade encara Milei**. 2024. Site Outras Palavras. Disponível em:
<https://outraspalavras.net/movimentoserebeldias/argentina-universidade-encara-milei/>. Acesso em: 29 out. 2024.

SANTOS, Emily. **Cursos EAD para formação de professores devem ter metade de carga horária presencial, decide MEC**. 2024. Site G1 Educação. Disponível em:
<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/05/27/cursos-ead-para-formacao-de-professores-devem-ter-metade-de-carga-horaria-presencial-decide-mec.ghtml>. Acesso em: 29 out. 2024.

SINGER, André; ARAUJO, Cicero; BELINELLI, Leonardo. **Estado e democracia**: uma introdução ao estudo da política. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. 300 p.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

RODRIGUES, P. H.; FARIA, J. P.; CASTANHEIRA, C. S. Pedagogia Crítica e a Resistência ao Neoliberalismo Regressivo no Brasil e Argentina: breves reflexões. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 9, n.º 22, jul-dez/2024, p. 218-232.